



SEÇÃO: ENSAIOS

## Impasses no modernismo drummondiano: uma revisão do conceito de nação em um conjunto de poemas de Carlos Drummond de Andrade

*Impasses in drummond's modernism: a review of the nation concept in a set of poems by Carlos Drummond de Andrade*

**Mariane Pereira Rocha<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-0126-8063](https://orcid.org/0000-0002-0126-8063)

[marianep.rocha@gmail.com](mailto:marianep.rocha@gmail.com)

**Ariane Avila Neto de Farias<sup>2</sup>**

[orcid.org/0000-0002-9828-7980](https://orcid.org/0000-0002-9828-7980)

[arianenetof@gmail.com](mailto:arianenetof@gmail.com)

**Ânderson Martins Pereira<sup>3</sup>**

[orcid.org/0000-0003-2667-8891](https://orcid.org/0000-0003-2667-8891)

[andersonmartinsp@gmail.com](mailto:andersonmartinsp@gmail.com)

**Recebido em:** 7 abril 2020.

**Aprovado em:** 21 jun. 2020.

**Publicado em:** 18 agos. 2021.

**Resumo:** Essa pesquisa visa entender o conceito de nação na poesia de Carlos Drummond de Andrade, principalmente na década de 1930, quando o poeta era fortemente influenciado pelo movimento modernista — conhecido pela sua valorização àquilo que era nacional. Para isso, analisamos os poemas: “Também já fui brasileiro” e “Europa, França e Bahia” de *Alguma poesia* (1930), a partir das questões sobre nação e nacionalismo levantadas por Benedict Anderson (2008). Além disso, em um segundo nível de análise, buscar-se-á entender a relação que o poeta determina entre o global e o local, considerando as reflexões estabelecidas por Stuart Hall (2014). Para tanto, selecionamos os poemas “Cidadezinha qualquer”, também de *Alguma poesia* (1930), e “Confidência do Itabirano” de *Sentimento do mundo* (1940). A partir destas análises, evidenciam-se algumas contradições no eu-lírico drummondiano que, frequentemente, parece não ser capaz de se identificar nem com seu país, nem com os demais lugares; refletindo sempre um desencontro com seu tempo, característica que conforme lembramos, é uma das marcas da poesia do poeta mineiro.

**Palavras-chave:** Carlos Drummond de Andrade. Nação. Modernismo.

**Abstract:** This research aims to understand the concept of nation in Carlos Drummond de Andrade's poetry, especially in the 30's, when the poet was heavily influenced by the modernist movement — known for its appreciation for everything that was national. To achieve this goal, we analyze the poems “Também já fui brasileiro” and “Europa, França e Bahia” from *Alguma poesia* (1930) reflecting about the nation and nationalism issues raised by Benedict Anderson (2008). Besides that, in a second moment of analysis, we seek to understand the relation that the poet determines between the global and the local, considering the reflections established by Stuart Hall (2014). Therefore, we selected the poems “Cidadezinha qualquer”, also from *Alguma poesia* (1930) and “Confidência do Itabirano” from *Sentimento do mundo* (1940). From this analysis, some contradictions in Drummond's speaker are evidenced, since he is often not able to identify himself, neither with his country nor with other places; always reflecting a disconnection with his time, feature that is one of Drummond's marks.

**Keywords:** Carlos Drummond de Andrade. Nation. Modernism.

### Introdução

Carlos Drummond de Andrade é um poeta com uma contribuição significativa para a literatura nacional, sendo um dos mais estudados e mais lembrados pela crítica literária brasileira. O poeta publica o seu primeiro



Artigo está licenciado sob forma de uma licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, RS, Brasil; Instituto Sul-Rio-grandense (IFSul), Bagé, RS, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, RS, Brasil; Instituto Federal Farroupilha (IFFAR), Frederico Westphalen, RS, Brasil.

<sup>3</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil; Instituto Federal Farroupilha (IFFAR), Alegrete, RS, Brasil.

livro, *Alguma poesia* em 1930, momento em que o movimento modernista no Brasil ainda estava atuando com bastante força. De fato, é possível encontrar nas primeiras obras drummondianas várias das características modernistas, como o humor, o tom coloquial, o verso livre, a ausência de rima, entre outros. Apesar disso, Drummond não parece coincidir totalmente com os ideais modernistas, especialmente no que diz respeito à visão que esses têm sobre o Brasil e a identidade brasileira, bem como ao que deveria ser uma literatura nacional. Em carta de 1924 a Mário de Andrade, com quem manteve extensa correspondência sobre o fazer poético e o cenário da literatura no Brasil, já é possível identificar esta resistência que o poeta demonstrava em relação ao movimento:

Reconheço alguns defeitos que aponta no meu espírito. Não sou ainda suficientemente brasileiro. Mas, às vezes, me pergunto se vale a pena sê-lo. [...] É que nasci em Minas, quando deveria nascer (não veja cabotinismo nesta confissão, peço-lhe!) em Paris (ANDRADE, 2002, p. 56).

Neste trabalho, investigaremos qual entendimento de Brasil, ou ainda, que leitura de nação está presente nos poemas de Drummond. Para isso, selecionamos os poemas: "Também já fui brasileiro" e "Europa, França e Bahia" de *Alguma poesia* (1930). Além disso, em um segundo nível de análise, buscar-se-á entender a relação que o poeta estabelece entre o global e o local, considerando as reflexões estabelecidas por Stuart Hall (2014). Para tanto, selecionamos os poemas "Cidadezinha qualquer", também de *Alguma poesia* (1930), e "Confidência do Itabirano" de *Sentimento do mundo* (1940). Esse interesse se dá a partir da leitura de Silvano Santiago (2007), que questiona como a poesia de Drummond pode se mostrar tão universal ainda que intensamente marcada pelo local:

Como uma poesia que tematiza com insistência e sabedoria a vida provinciana na Itabira do Mato Dentro pode oferecer-se de maneira tão cosmopolita ao seu leitor, passando-lhe a impressão de que o poeta é *un homme du monde*, nascido no século de Voltaire e Rousseau? [...] Que força é esta que leva o poeta a levantar os olhos do solo natal e tentar entender amorosamente outras nações e diferentes povos? (SANTIAGO, 2007, p. 7).

Dado o questionamento de Silvano Santiago e a questão de pertencimento levantada pelo próprio poeta, espera-se entender melhor essa relação, por vezes conflituosa, que o poeta estabelece com o movimento modernista, bem como apreender de que maneira Brasil, Minas Gerais e Itabira estabelecem seus significados dentro da lírica drummondiana.

## 1 Cá e lá: caminhos entre o nacional e o estrangeiro

Stuart Hall (2014), ao refletir sobre a influência que o Ocidente, fortemente representado por potências como Estados Unidos e alguns países europeus, exerce sobre sociedades periféricas, afirma que tais sociedades sempre estiveram suscetíveis e abertas a essa influência, entretanto, o Ocidente enxerga esses lugares como "fechados" e "eticamente puros": "é uma 'fantasia colonial' sobre a periferia, mantida pelo Ocidente, que tende a gostar de seus nativos apenas como 'puros' e de seus lugares exóticos apenas como 'intocados' (HALL, p. 47, grifo do autor). O Brasil reiteradamente recebe esse olhar, ocupando no imaginário de outros países o lugar de exótico, seja por sua natureza exuberante, repleta de florestas e praias; seja por seus costumes e povo, reduzidos sempre ao carnaval e futebol.

No verso que abre o poema "Europa, França e Bahia" há um rompimento com essa visão de Brasil enquanto lugar exótico: "Meus olhos brasileiros sonhando exotismos" (ANDRADE, 2007, p. 9). Aqui os "exotismos" são os outros e estão longe do território brasileiro, pertencem à Europa e vão ser buscados pelo eu-lírico ao longo do poema. Percebemos, contudo, a ironia que Drummond emprega nesse verso ao analisar a continuidade da estrofe

Meus olhos brasileiros sonhando exotismos.  
Paris. A torre Eiffel alastrada de antenas como um caranguejo.  
Os cais bolorentos de livros judeus  
e a água suja do Sena escorrendo sabedoria (ANDRADE, 2007, p. 9).

Ao comparar a Torre Eiffel, forte símbolo francês, a um caranguejo, Drummond deixa claro que

os exotismos com os quais sonham os brasileiros talvez não sejam tão reais assim. Essa ideia é reforçada pelo uso dos adjetivos negativos na continuação da estrofe, "cais *bolorentos*", "água *suja*".

Nas próximas estrofes, o eu-lírico passa por diversos lugares, como se em uma viagem. Inglaterra, Alemanha, Itália, Suíça, Turquia e Rússia são os lugares de trânsito de um sujeito em movimento. Na quinta estrofe, ele declara: "Meus olhos brasileiros se enjoam da Europa" (ANDRADE, 2007, p. 9), enfatizando o desagrado e o enfado que sente não somente em relação à Europa, mas também em relação à ideia acerca do continente que é vendida aos brasileiros e que, nesse poema, ele tenta desconstruir. Esse sentimento permanece em outros poemas de *Alguma poesia*, como em "Explicação":

Para mim, de todas as burrices a maior é suspirar pela Europa.

A Europa é uma cidade muito velha onde só fazem caso de dinheiro.

e tem umas atrizes de pernas adjetivas que passam a perna na gente (ANDRADE, 2007, p. 36).

Apesar disso, a noção de Brasil que o poeta traz não é uma completa oposição a essa visão de Europa. Embora Drummond estabeleça claramente o contraste entre o nacional e o estrangeiro e, conforme visto, ironize em seus versos a Europa como o lugar dos sonhos, o Brasil não aparece aqui como um paraíso nacional, ideia que foi frequentemente ressaltada em nossa literatura. Neste sentido, Ivan Marques (2008) afirma que a estrofe final de "Europa, França e Bahia", por fazer referências à "Canção do Exílio" de Gonçalves Dias, poderia ser "autenticamente nacionalista". Em vez disso, "a opção se faz pelo Brasil, mas o regresso à terra é triste ou no mínimo indiferente. Enquanto os países estrangeiros são brindados com metáforas (ainda que negativas), o final da viagem parece um retorno insípido a lugar nenhum" (MARQUES, 2008, p. 99).

Chega!

Meus olhos brasileiros se fecham saudosos.

Minha boca procura a "Canção do exílio".

Como era mesmo a "Canção do exílio"?

Eu tão esquecido de minha terra...

Ai terra que tem palmeiras

onde canta o sabiá (ANDRADE, 2007, p. 9).

Se Ernest Renan (1882) afirmou que o esquecimento é um fator essencial para criar uma nação, aqui esse parece ter outro significado. Não é o esquecimento do passado coletivo, esquecer os grupos minoritários e as atrocidades cometidas em nome da "nação" como sugere o autor, mas um esquecimento da ordem daquilo que deixa de ter importância e, por isso, não merece ser lembrado. O esquecimento ao qual o eu-lírico se refere parece remeter à falta de conexão com sua terra, ao desencontro que sente em relação ao Brasil. De certa forma, não lembrar a "Canção do exílio" desperta no eu-lírico essa noção de não pertencimento, uma ruptura na sua identidade brasileira. Apesar de não mais coincidir com uma identidade nacional, percebemos, através da ironia e da rejeição à Europa, que não há tampouco uma assimilação da identidade europeia. Hall explica que esse fenômeno ocorre de forma recorrente com pessoas que foram dispersadas de sua terra natal:

Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. [...] As pessoas pertencentes a essas culturas híbridas têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural "perdida" ou de absolutismo étnico (HALL, 2014, p. 52).

É importante observar que Hall se refere àquelas pessoas que se viram obrigadas a deixar sua terra natal para viver em outro lugar, com promessas de uma vida melhor e agora já não podem mais retornar. Embora não estejam evidentes as motivações do eu-lírico de "Europa, França e Bahia", não há nada que nos leve a interpretar que ele foi obrigado a fazer essa viagem ou que não pode retornar ao Brasil. Ainda assim, nos interessa este entrelugar, apontado por Hall, o de não pertencimento a nenhuma nação, que parece ser o sentimento predominante nesse

poema. Em "Europa, França e Bahia", visualizamos um eu-lírico em aparente conflito, visto que ao mesmo tempo em que está saudoso do Brasil ("Meus olhos brasileiros se fecham saudosos") não consegue mais lembrar daquilo que considera ser importante para sua constituição enquanto brasileiro. Além disso, ele não é capaz de coincidir com nenhum dos outros lugares pelos quais atravessa, pois nada corresponde à idealização da Europa que havia feito previamente.

É importante ainda lembrar que esse desajuste ou desencontro, predominante nesse poema, é uma característica bastante recorrente na poesia drummondiana; tal atributo foi apontado pelo poeta em "Poema de sete faces", texto que abre seu primeiro livro, quando declarou a si mesmo como *gauche*, expressão discutida por Afonso Romano de Sant'anna (2002):

Caracteriza o *gauche* o contínuo desajustamento entre a sua realidade e a realidade exterior. Há uma crise permanente entre o sujeito e o objeto que, ao invés de interagirem e completarem, terminam por se opor conflituosamente. [...] Enfim, seja como um *gauche*, como um *ex-cêntrico* ou uma *displaced person*, manifesta-se sempre o conflito básico entre sujeito e objeto (SANT'ANNA, 2002, p. 19, grifo do autor).

Sabe-se que essa personalidade *gauche* de Drummond vai se manifestar de diferentes maneiras ao longo de sua obra poética, mas a partir desta análise se torna plausível apontar que o conflito entre o nacional e o estrangeiro é atravessado por essa característica tão singular, uma desarticulação que o próprio poeta usou para definir sua lírica.

## 2 Os impasses e contradições do modernismo drummondiano

Drummond é considerado um poeta modernista pela maioria dos manuais escolares, bem como por boa parte de sua crítica. A trajetória de seu envolvimento com o movimento modernista é bem conhecida, tendo seu início com a visita dos modernistas paulistas a Belo Horizonte, onde Drummond, já conhecedor do movimento, teve a oportunidade de conversar, em uma mesa de bar do *Grande Hotel*, com nomes significativos para o movimento como Mário de Andrade e Tarsila do Amaral.

A partir desse momento, vai começar o que talvez tenha sido o ponto mais importante para o envolvimento de Drummond com o modernismo: a troca de cartas com Mário de Andrade, estopim para uma amizade duradoura, sendo a primeira carta de 1924 e a última de 1945, ano de falecimento de Mário. No primeiro contato, iniciado pelo poeta mineiro, o assunto predominante já seria um debate sobre a identidade nacional, questão muito significativa para o movimento modernista:

Li uma excelente carta que você enviou ao meu amigo Martins de Almeida. Quanta verdade nas suas ideias! E quanta força desabusada! Estou convencido que a questão da literatura no Brasil é uma questão de coragem intelectual. Ou por outra: é preciso convencer-se a gente de que é brasileiro! *E ser brasileiro* é uma coisa única no mundo; é de uma originalidade delirante. Não confundir com nacionalismo. Aliás, você sabe disso melhor do que eu (ANDRADE, 2002, p. 40, grifo do autor).

Durante todo o período de correspondência, Mário vai agir como um mestre para Drummond, não somente discutindo com ele aspectos gerais da formação da literatura brasileira, mas também analisando os poemas de Drummond, sugerindo modificações e reescritas. A influência modernista de Mário vai se mostrar evidente ao longo da trajetória drummondiana, embora o poeta mineiro sempre tenha apresentado algumas ressalvas em relação aos ideais de Mário sobre o Brasil. A divergência entre eles parecia vir justamente da necessidade que Mário sentia de uma valorização àquilo que é nacional e que para Drummond, parecia não ser tão importante, como verificamos nesta carta de Mário:

Você é uma sólida inteligência e já muito bem mobiliada... à francesa. Com toda a abundância do meu coração eu lhe digo que isso é uma pena. Eu sofro com isso. Carlos, devota-se ao Brasil, junto comigo. Apesar de todo o ceticismo, apesar de todo o pessimismo e apesar de todo século 19, seja ingênuo, seja bobo, mas acredite que um sacrifício é lindo. [...] Nós temos que dar ao Brasil o que ele não tem e que por isso até agora não viveu, nós temos que dar uma alma ao Brasil (ANDRADE, 2002, p. 50-51).

A carta do poeta paulista, ao sinalizar o necessário vínculo de Drummond com o seu país de origem, acaba por pontuar o que Kathryn Woo-

dward (2009), no capítulo "Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual", assinala: a importância do retorno aos aspectos históricos para a construção da identidade nacional. Assim, Mário recorre ao passado doloroso de um país que precisa que uma pessoa como Drummond devote sua inteligência com o objetivo de construção de uma nova narrativa para o país e para o que se entende por nacional. Contudo, podemos entender melhor esse movimento que Drummond faz, contrário e distante daquele pretendido por Mário, a partir da análise de outro poema de *Alguns poemas*, "Também já fui brasileiro". O primeiro verso, que repete o título, já causa estranhamento em função de seu tempo verbal.

Eu também já fui brasileiro  
moreno como vocês.  
Ponteei viola, guiei forde  
e aprendi na mesa dos bares  
que o nacionalismo é uma virtude.  
Mas há uma hora em que os bares se fecham  
e todas as virtudes se negam (ANDRADE, 2007, p. 7).

Encontramos novamente um eu-lírico desvinculado de sua identidade nacional, uma vez que, apontando uma impossibilidade, se define como ex-brasileiro. Na sequência do primeiro verso, o poeta elenca vários substantivos significativos para essa identidade brasileira que está perdida: moreno, viola, "forde", mesa de bar, nacionalismo. É interessante observar aqui a escolha que o poeta faz por uma marca de carro estrangeira (Ford), ainda que decida abrasilairá-la acrescentando o "e" no final da palavra.

Mas talvez, dentro desses sintagmas, o que mais se destaque seja a ênfase que Drummond dá ao nacionalismo. Não podemos deixar de apontar a relação, ainda que frouxa, no quarto e quinto versos, com o famigerado encontro dos modernistas paulistas do qual Drummond participou em Minas Gerais, já mencionado anteriormente. O sexto e sétimo versos, contudo, vão dar novo tom ao poema e à compreensão do nacionalismo que o eu-lírico tinha, mostrando que, eventualmente, repensar o nacionalismo e

as questões em torno dele, se torna inevitável.

Benedict Anderson (2008) explica que toda nação é uma comunidade política imaginada e que "independente da desigualdade e da exploração efetivas que possam existir dentro dela, a nação é sempre concebida como uma profunda camaradagem horizontal" (ANDERSON, 2008, p. 32). Segundo o autor, esse é um dos problemas centrais do nacionalismo: que tantos morram e cometam enormes sacrifícios em nome de uma fraternidade imaginada. No mesmo sentido, no que diz respeito ao Brasil, Zilá Bernd afirma não existir um único "caráter nacional" ou uma "essência brasileira". Para ela,

a questão da identidade nacional será encarada como um dos polos de um processo dialético; portanto, como "meio" indispensável para entrar em relação com o outro, e não como um "fim" em si mesmo. A busca de identidade deve ser vista como processo, em permanente movimento de deslocamento, como travessia, como uma formação descontínua que se constrói através de sucessivos processos de reterritorialização e desterritorialização, entendendo-se a noção de "território" (Deleuze e Guatarri, 1977) como o conjunto de representações que um indivíduo ou um grupo tem de si próprio (BERND, 1992, p. 10).

Percebemos que o eu-lírico de "Também já fui brasileiro" reflete sobre o ato de imaginar a nação e o sentimento de nacionalismo arraigado a ele que, conforme o quarto verso, é ensinado mesmo nas mesas de bares. Ao se desvincular desse nacionalismo, o poeta já não sabe mais como se vincular ao próprio Brasil e passa então a deixar de se considerar brasileiro, não considerando as diferentes nuances que a ligação a uma identidade nacional poderia ter. Na segunda estrofe desse poema, Drummond faz uma crítica ao Romantismo, distinguindo seu fazer poético atual do fazer poético romântico:

Eu também já fui poeta.  
Bastava olhar para mulher,  
pensava logo nas estrelas  
e outros substantivos celestes.  
Mas eram tantas, o céu tamanho,  
minha poesia perturbou-se (ANDRADE, 2007, p. 7).

Nessa estrofe é possível visualizar uma tomada de posição ao estilo modernista, que critica a dedicação dos poetas românticos a determinadas temáticas — às musas, à natureza (representada aqui com forte sarcasmo no verso “outros substantivos celestes”). Essa crítica vai se acentuar na última estrofe do poema, fechando-o com ambiguidade e causando estranhamento ao leitor, já que apesar do poeta declarar que sua poesia não tem mais ritmo, apresenta uma estrofe que, embora com versos livres, apresenta ritmo e rima:

Eu também já tive meu ritmo.  
Fazia isso, dizia aquilo.  
E meus amigos me queriam,  
meus inimigos me odiavam.  
Eu irônico deslizava  
satisfeito de ter meu ritmo.  
Mas acabei confundindo tudo.  
Hoje não deslizo mais não,  
não sou irônico mais não,  
não tenho ritmo mais não (ANDRADE, 2007, p. 7).

Visualizamos nesse poema, então, mais uma vez esse entrelugar que o eu-lírico drummondiano ocupa, mas aqui se tornam mais evidentes as dificuldades que Drummond encontra para se vincular à nação ao deixar de lado o nacionalismo. Dessa forma, é possível entender que apesar do poeta associar-se em diferentes medidas ao movimento modernista, ele falha em atingir uma das preocupações centrais desse, que é o resgate da identidade nacional através da noção de “ser brasileiro”. Drummond vai questionar este “ser brasileiro”, diversas vezes, ironizando o excesso de admiração ao Brasil.

### 3 Vida besta: Itabira e o mundo

Outro elemento importante na poesia de Drummond é a relação que o poeta estabelece com Itabira, cidade onde nasceu. Itabira, antiga Itabira do Mato Dentro, é uma cidade pequena no interior de Minas Gerais, onde Drummond morou durante sua infância e parte da adolescência, posteriormente

mudando-se para Belo Horizonte e, mais tarde, para o Rio de Janeiro, em 1934. Apesar de não ter retornado a sua cidade natal, Itabira vai se tornar uma constante em sua poesia, apresentando-se em posições contraditórias ao longo dos anos, até a publicação da trilogia Boitempo, quando o poeta parece finalmente reconciliar-se com suas origens. Já, em *Alguma poesia* nos deparamos com o poema “Cidadezinha qualquer”, que nos dá algumas pistas sobre como Drummond encarava a vida em uma cidade de interior:

Casas entre bananeiras  
mulheres entre laranjeiras  
pomar amor cantar.  
  
Um homem vai devagar.  
Um cachorro vai devagar.  
Um burro vai devagar.  
Devagar... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus (ANDRADE, 2007, p. 23).

O fato de não sabermos a qual cidade o eu-lírico se refere evidencia a hipótese de que para ele, todas as cidades interioranas são iguais, não sendo, assim, necessário nomeá-las. O poema pode descrever Itabira da mesma maneira como descreveria grande parte das cidades brasileiras – ela é, afinal, uma cidadezinha qualquer. Desta forma, é possível depreender que para Drummond, nesse momento, Itabira não está representando nada de especial.

O ritmo desse poema expressa uma noção de continuidade, da vida sempre igual. Através da repetição do “devagar” nos quatro versos da segunda estrofe, a vida que se repete cotidianamente na mesma velocidade se torna ainda mais pungente. As janelas que olham,<sup>4</sup> no sétimo verso, metonímia para as pessoas espiando através das cortinas, trazem uma imagem comum de vida de interior, cujos passatempos incluem observar o movimento das ruas, a vida dos vizinhos.

A última estrofe, composta de um único verso, quebra com as expectativas criadas ao longo do

<sup>4</sup> Essa noção de se estar sendo observado é bem recorrente na lírica drummondiana, já tendo aparecido também no poema de abertura de *Alguma Poesia*, nos versos quatro e cinco do “Poema de sete faces”: As casas espiam os homens/ que correm atrás de mulheres.

poema e define seu tom. O que poderia ter sido o retrato de uma vida tranquila e boa, é agora revelado pelo poeta como uma "vida besta", sem novidades, comum. Lembremos ainda que esse poema é publicado em um momento em que as tecnologias e a velocidade da modernidade estavam se tornando cada vez mais presentes e importantes. Em vários poemas deste livro, Drummond parece fazer um elogio a esse movimento de modernização, como podemos observar em "A rua diferente", de *Alguma poesia*:

Na minha rua estão cortando árvores  
botando trilhos  
construindo casas.

Minha rua acordou mudada.  
Os vizinhos não se conformam.  
Eles não sabem que a vida  
tem dessas exigências brutas.

Só minha filha goza o espetáculo  
e se diverte com os andaimes  
a luz da solda autógena  
e o cimento escorrendo nas fôrmas (ANDRADE, 2007, p. 13).

Drummond, ao longo dos anos, ainda que não deixe de entender Itabira como este local estático frente aos acontecimentos mundiais, abandona aos poucos este apego à modernização. Podemos verificar isso no poema "Confidência do Itabirano" do livro *Sentimento do mundo* (1940), um dos mais famosos entre os que trazem como Itabira como temática.

Alguns anos vivi em Itabira.  
Principalmente nasci em Itabira.  
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.  
Noventa por cento de ferro nas calçadas.  
Oitenta por cento de ferro nas almas.  
E esse alheamento do que na vida é prosidade  
e comunicação (ANDRADE, 2007, p. 68).

Na primeira estrofe já é possível verificar que o tom em relação à cidade muda: se antes, todas cidades pequenas eram uma *cidadezinha qual-quer* cuja vida pacata e morosa desanimava o

eu-lírico, aqui o fato de se ter nascido nessa cidade é o suficiente para torná-la diferente. O poeta admite a importância de Itabira para a formação de sua identidade, não por suas características enquanto cidade, mas por ter sido o local de seu nascimento — *Principalmente nasci em Itabira*. O ferro que constitui a cidade vai também constituir as características do eu-lírico — *triste, orgulhoso: de ferro* — e, em última instância, as almas daqueles que lá nasceram.

A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,  
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem  
mulheres e sem lhorizontes  
E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,  
é doce herança itabirana (ANDRADE, 2007, p. 68).

Ademais, o eu-lírico admite que seu fazer poético também é perpassado pelo seu vínculo com a cidade, é *herança itabirana*. De fato, o que poeta chama de "hábito de sofrer", é uma das características mais marcantes de sua lírica, sempre comentado pela crítica como o "pessimismo drummondiano". Percebemos, então, que ainda que somente como lembrança, Itabira tem uma influência muito forte no poeta

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.  
Hoje sou funcionário público.  
Itabira é apenas uma fotografia na parede.  
Mas como dói! (ANDRADE, 2007, p. 68).

Entende-se, pois, que, ao contrário da relação que estabelece com o Brasil, nesse poema Drummond parece ter resolvido alguns de seus conflitos em relação à contribuição de Itabira para a constituição de seu eu e de seu fazer poético. É interessante, contudo, que esse movimento vá acontecer justamente em um livro como *Sentimento do mundo*, no qual podemos encontrar um Drummond socialmente ativo, cujas preocupações giram muito mais a nível mundial — já denunciado no *mundo* do título da obra — do que em um plano local.

De acordo com Hall (2014), ainda que o processo de globalização vá ter um aumento considerável a partir dos anos 1970, ele não é um fenômeno

recente, tendo suas raízes na modernidade e no capitalismo. Em "Elegia 1938", também do livro *Sentimento do mundo*, podemos perceber como Drummond já vinha refletindo sobre a interferência que uma economia global pode ter em relação a culturas locais.

Trabalhas sem alegria para um mundo caduco,  
onde as formas e as ações não encerram ne-  
nhum exemplo.

Praticas laboriosamente os gestos universais,  
sentes calor e frio, falta de dinheiro, fome e  
desejo sexual

[...]

Coração orgulhoso tens pressa de confessar  
tua derrota

e adiar para outro século a felicidade coletiva.

Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a  
injusta distribuição

porque não podes, sozinho, dinamitar a ilha de  
Manhattan (ANDRADE, 2007, p. 86).

Depreendemos, assim, pelo menos dois aspectos relevantes sobre a importância de Itabira na poesia drummondiana: há um amadurecimento na maneira com que Drummond encara a cidade, reconhecendo mais facilmente a dimensão dela em sua vida quando está afastado da mesma — "Itabira é apenas uma fotografia na parede / Mas como dói!" (ANDRADE, 2007, p. 68). Esse amadurecimento está interligado à percepção que Drummond tem da própria modernidade, que era enaltecida em sua primeira poesia e, aos poucos, vai perdendo importância em seus poemas. As diferentes visões estabelecidas a Itabira explicitam a própria escrita Drummondiana, a qual Flora Sussekind (2004) menciona como "alimento do contemporâneo mais álgido, como do passado ou do futuro" (SUSSEKIND, 2004, p. 167). Logo, Itabira está exposta às intempéries do presente e as relações que o poeta traz com o vivido e o porvir. A partir disso, estabelecemos o segundo aspecto, em que o reconhecimento da importância daquilo que é local e a percepção dos reveses da modernidade só surge frente à observação de uma cultura global. Para isso, o contexto de publicação do poema analisado se torna crucial, uma vez que

aquele era um momento em que as preocupações globais estavam muito evidenciadas e urgentes — lembremos que a Segunda Guerra Mundial havia acabado de eclodir — elidindo muitas vezes o local do cenário de reflexão.

### Considerações finais

Sendo assim, com este estudo constatou-se que desde a década de 1930, período no qual o nacionalismo e o ufanismo estavam em alta no país, Drummond já refletia lírica e criticamente sobre a relação dos brasileiros com o Brasil e com as grandes potências. Nesse período, Drummond desenvolveu poesias que buscavam uma visão mais realista dos impérios, principalmente dos países europeus, sem, contudo, deixar de apontar os problemas em seu próprio país.

Em função disso, encontramos frequentemente um eu-lírico cheio de contradições, que parece não conseguir se identificar com lugar algum, refletindo sempre um desencontro com seu tempo, característica que conforme lembramos, é uma das marcas da poesia drummondiana. Tais contradições vão aparecer também na hesitação de Drummond em relação ao modernismo, movimento ao qual pertenceu sem, todavia, coincidir com ele plenamente.

Itabira, cidade natal do poeta, aparece em sua poesia de diferentes formas: ora ocupa o lugar da cidade interiorana, pacata, sem muitos atrativos; ora aparece como o lar de um eu-lírico saudoso, que reconhece a importância de seu local de origem na construção de sua identidade. Essa segunda abordagem vai vir à tona justamente em um momento no qual o poeta começa a se preocupar com questões globais, voltando seu olhar para problemas sociais do mundo.

Devido à extensão da obra drummondiana e às diferentes fases do desenvolvimento de sua literatura, bem como os contextos históricos diversos nos quais Drummond se inscreveu, essa pesquisa não tem objetivo de esgotar o assunto, muito menos de chegar a respostas definitivas. Traçamos acima algumas hipóteses e delimitamos o que pareceram tendências nos poemas analisados, cientes, entretanto, das lacunas que poderão ser



preenchidas em estudos futuros. Ademais, sabe-se que ao tangenciar teorias sobre nacionalidade e identidade em um texto que se pretende introdutório, muitas nuances e teóricos acabam sendo negligenciados, contudo, objetivou-se trabalhar essas perspectivas de uma maneira mais geral para que a análise poética pudesse receber mais atenção e estar em evidência.

## Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2007.

ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Mário de. **Carlos & Mário**: correspondência completa (prefácio e notas de Silviano Santiago). Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

BERND, Zilá. **Literatura e Identidade nacional**. Porto Alegre: Editora UFRGS 1992. (Síntese Universitária)

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

MARQUES, Ivan. O país dos Andrades e o Brasil Profundo. **Cerrados (UnB)**, Brasília, v. 17, p. 93-110, 2008.

RENAN, Ernest. O que é uma nação. **Revista Aulas**, v. 1, p. 1-21, 2008. Tradução de Glaydson José da Silva. Disponível em: [www.unicamp.br/aulas/volume01/ernest](http://www.unicamp.br/aulas/volume01/ernest). Acesso em: 6 abr. 2020.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. Introdução ao gaúcho. In: CHAVES, Flávio. (org.) **Leituras de Drummond**. Caxias do Sul: EDUCS, 2002. p. 19-34.

SANTIAGO, Silviano. Introdução à leitura dos poemas de CDA. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2007. p. 4-41.

SÜSSEKIND, Flora. Curva curva curva: estratégia narrativa e forma poética em Drummond. In: SÜSSEKIND, Flora. **Poesia Sempre**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004. p. 39-73.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) *et al.* **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 9-72.

---

## Mariane Pereira Rocha

Mestra em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), em Pelotas, RS, Brasil; professora do Instituto Federal Sul-Riograndense (IFSul), em Bagé, RS, Brasil.

---

## Ariane Avila Neto de Farias

Mestra em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), em Pelotas, RS, Brasil; professora do Instituto Federal Farroupilha (IFFAR), em Frederico Westphalen, RS, Brasil.

---

## Ânderson Martins Pereira

Mestre em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), em Pelotas, RS, Brasil; professora do Instituto Federal Farroupilha (IFFAR), em Alegrete, RS, Brasil.

---

## Endereço para correspondência

Mariane Pereira Rocha  
Instituto Federal Sul-Riograndense  
Av. Leonel de Moura Brizola, 2501  
Pedras Brancas, 96418-400  
Bagé, RS, Brasil

Ariane Avila Neto de Farias  
Instituto Federal Farroupilha  
Linha 7 de Setembro, s/n  
BR 386, KM 40  
98400-000  
Frederico Westphalen, RS, Brasil

Ânderson Martins Pereira  
Instituto Federal Farroupilha  
RS-377, Km 27  
97555-000  
Alegrete, RS, Brasil